

KEVIN LYNCH

A IMAGEM DA CIDADE

ARTE & COMUNICAÇÃO



edições 70

Bairros

Os bairros são áreas citadinas relativamente grandes, em que o observador pode penetrar mentalmente, e que têm alguns aspectos comuns. Podem estar organizados do ponto de vista interno e, ocasionalmente, podem servir de ponto de referência externo, quando alguém por eles passa ou os atravessa. Muitos dos entrevistados preocuparam-se em salientar que Boston, embora confusa no seu sistema de ruas, inclusivamente para aqueles que na cidade vivem e nela estão habituados, tem uma qualidade muito positiva no que diz respeito ao número e vivacidade dos seus bairros diversificados. Tal como alguém nos dizia:

«Cada parte de Boston é diferente da seguinte; pode saber-se muito bem em que ponto se está.»

Jersey City possui também os seus bairros, mas estes são em grande parte divisões étnicas ou de classe com poucas distinções físicas. Em Los Angeles deparamos com uma falta de regiões demarcadas, a não ser a do Civic Center. O melhor que podemos encontrar são os bairros lineares de Skid Row ou das finanças. Muitos dos habitantes de Los Angeles referiram, com alguma pena, o prazer de viver num local com áreas de características demarcadas. Um deles afirmou:

«Gosto de Transportation Row porque está toda lá. Isso é o mais importante; tudo o resto é confuso. Ali centra-se todo o conjunto de transportes. As pessoas têm algo em comum, quando lá trabalham. É bem bonito.»

Alguns, a quem perguntámos qual seria para eles a cidade na qual haveria boas hipóteses de orientação, citaram várias, mas nunca New York (isto referindo-se a Manhattan) ou só raras vezes, com alguma hesitação. E esta cidade não foi mencionada, não devido à sua rede, que é semelhante à de Los Angeles, mas devido ao seu número de bairros bem definidos, colocados como numa moldura de rios e ruas. Dois entrevistados de Los Angeles chegaram a referir-se a Manhattan como sendo «pequena» em comparação com a área central da sua cidade!

O conceito de tamanho pode, como se vê, em parte, estar dependente de como uma estrutura é entendida.

Em algumas das entrevistas em Boston, os bairros eram os elementos básicos da imagem da cidade. Um dos entrevistados, por exemplo, quando lhe perguntaram como iria de Faneuil Hall para Symphony Hall, respondeu, de imediato, dando rótulos aos pontos de referência: da ponta norte para a Back Bay. Mas, mesmo quando os bairros não eram usados para a orientação, continuavam a ser um aspecto satisfatório da experiência de viver na cidade. O reconhecimento de bairros distintos em Boston pareceu variar de modo indirectamente proporcional ao conhecimento da cidade em si. As pessoas que melhor conheciam a cidade, reconheciam as diversas regiões, mas tinham mais confiança em pequenos elementos quando se tratava de organizar e orientar. Aqueles que, melhor que ninguém, conheciam Boston, eram incapazes de generalizar percepções de pormenores em bairros: tinham a consciência de diferenças mínimas em toda a cidade, não formavam grupos regionais de elementos.

As características físicas que determinam bairros são continuidades temáticas, que podem consistir em variantes de componentes inumeráveis: textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de edifícios, costumes, actividades, habitantes, estado de conservação, topografia. Numa cidade concebida de um modo fechado, como Boston, as homogeneidades de fachada, material, modelo, ornamento, cor, horizonte, disposição das janelas nos edifícios — todas constituíam indicações básicas na identificação dos bairros mais importantes; Beacon Hill e a Avenida Commonwealth dão disto bons exemplos. As indicações não eram apenas visuais; os ruídos eram também importantes. De facto, a própria confusão pode, por vezes, servir de pista, como no caso da senhora que notou que se encontrava na ponta norte da cidade quando começou a sentir-se perdida.

Normalmente, as características típicas eram imaginadas e reconhecidas num conjunto, a unidade temática. A imagem de Beacon Hill, por exemplo, incluía ruas íngremes e estreitas, casas velhas de tijolo, não muito grandes, portas de edifícios brancas e bem conservadas, ornamentos pretos, caminhos empedrados e de tijolo, era calma e pelas suas ruas passeavam peões da classe média. A temática daqui resultante era diferente do resto da cidade e podia ser imediatamente reconhecida. Noutras partes do centro de Boston verificava-se uma confusão de temas. Não era rara a junção da Back Bay com a ponta

Fig. 55, pág. 180

sul, apesar das diferenças de costumes, estado e estrutura. Isto era, talvez, o resultado de uma certa homogeneidade arquitectónica, aliada a uma semelhança de antecedentes históricos. Tal semelhança contribui para a indistinação da imagem.

Para produzir uma imagem forte é necessário um certo reforço das indicações de pistas. Frequentemente encontram-se alguns sinais distintivos, mas não suficientes para a criação de uma unidade temática. Neste caso, a região pode ser reconhecida por aqueles que conhecem a cidade, mas carece de impacte e de força. Um exemplo disto é Little Tokyo, em Los Angeles, reconhecível pela sua população e pelas letras usadas nos sinais, mas, de resto, indistinto da matriz geral. Embora seja uma concentração étnica, provavelmente conhecida de muitos, revelava-se apenas como uma porção acessória da imagem urbana.

Contudo, as conotações sociais são bastante significantes, quando se trata de delimitar regiões. Muitas entrevistas de rua denotaram as associações feitas por muitos, de bairros diferentes com classes sociais diferentes. A grande parte das regiões de Jersey City eram áreas étnicas ou de classe, apenas dificilmente discernidas por um visitante estranho. Tanto Boston como Jersey City mostraram a atenção dada aos bairros da classe privilegiada e o exagero resultante dado aos elementos e à sua importância em tais áreas. O nome dos bairros ajuda, também, a identificá-los, mesmo quando a unidade temática não estabelece um contraste notório com as outras partes da cidade; as associações tradicionais podem desempenhar, igualmente, um tal papel.

Quando a exigência principal foi satisfeita e a unidade temática está estabelecida, contrastando com o resto da cidade, o grau de homogeneidade interna perde parte da sua importância, especialmente no caso dos elementos contrastantes ocorrerem numa sequência que se deixa antever. Pequenas lojas em esquinas de ruas estabelecem um ritmo em Beacon Hill, que alguém entendeu como fazendo parte da sua imagem. Estas lojas não enfraquecem, de modo algum, a imagem não comercial de Beacon Hill; apenas complementam esta imagem. Muita gente conseguia ignorar uma quantidade enorme de elementos discordantes dos aspectos característicos de uma região.

Os bairros têm diversas espécies de fronteiras: algumas são fortes, definidas e precisas. A fronteira da Back Bay junto ao rio Charles ou ao jardim público é

uma delas. Todos concordaram com esta localização exacta. Outras fronteiras podem ser ligeiras ou incertas, como no caso da existente entre a zona comercial do centro da cidade e o bairro dos escritórios, cuja existência e localização próxima foi comprovada pela maioria. Existem, ainda, outras regiões que não possuem fronteiras, para a maioria dos nossos entrevistados, como acontece com a ponta sul da cidade. A figura 25 ilustra estas diferenças no carácter das fronteiras, no caso de Boston, delineando tanto a extensão máxima atribuída a um bairro como o centro mais unanimemente considerado pela maioria.

Estes limites parece desempenharem um papel secundário: podem fixar as fronteiras de um bairro e reforçar a sua identidade, mas aparentemente pouco têm a ver com a sua constituição. Os limites podem aumentar a tendência dos bairros para fragmentar a cidade, de um modo desorganizado. Alguns sentiram a desorganização como sendo um resultado do grande número de bairros identificáveis em Boston: limites fortes, impedindo transições de um bairro para outro, podem contribuir para a sensação de desorganização.

Não é invulgar o tipo de bairro onde o centro é bastante forte, rodeado por uma mudança temática que gradualmente vai desaparecendo. Realmente, um cruzamento importante pode, por vezes, criar uma espécie de bairro numa zona homogênea vasta, simplesmente através de

Fig. 25

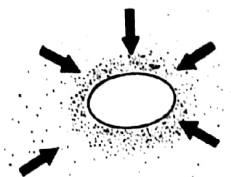
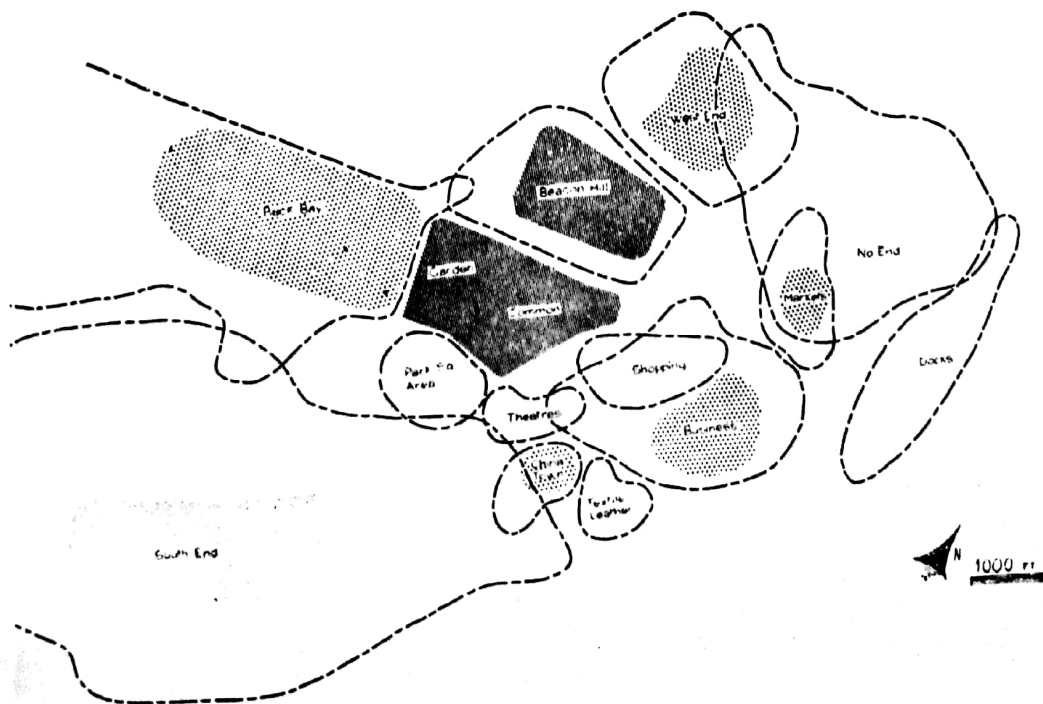


Fig. 25 — Fronteiras variáveis dos bairros de Boston



«radiação», isto é, através do sentido de proximidade do ponto crucial. Estas são, antes de mais, áreas de referência, com pouco conteúdo perceptual, úteis, contudo, na organização de conceitos.

Em Boston, alguns dos bairros mais conhecidos não se encontravam estruturados na imagem pública. A parte norte e oeste eram, para muitos que reconheciam estas regiões, internamente indiferenciáveis. Inclusive mais frequentemente, bairros ricos em vivacidade, tais como a área do mercado, pareciam, tanto interna como externamente, carecer de forma, tornando-se confusos. As sensações físicas da actividade do mercado são inesquecíveis. Faneuil Hall e as suas associações reforçam-nas. Contudo, esta área não possui uma forma e está espalhada, dividida pela Central Artery, e obstruída pelos dois centros de actividade que rivalizam a importância: Faneuil Hall e Haymarket Square. O Dock Square é um caos, do ponto de vista espacial. As ligações a outras áreas processam-se de modo obscuro ou, noutros casos, desmembradas pela Central Artery. Assim, o bairro do mercado aparecia na maior parte das imagens apenas como algo flutuante. Em lugar de cumprir o seu papel potencial, como um mosaico ligado à parte frontal da península de Boston, tal como o Boston Common faz em

Fig. 26



Fig. 27 — Bunker Hill


relação à parte onde se situa, este bairro, embora diferente, funcionava apenas como uma barreira caótica. Beacon Hill, por outro lado, estava muito bem estruturada, com sub-regiões internas, um cruzamento em Louisburg Square, vários elementos marcantes e uma configuração de ruas.

Algumas regiões são como que introvertidas, viradas para si próprias, com poucas referências à cidade em seu redor; este é o caso da região norte ou de Chinatown. Outras são extrovertidas, viradas para o exterior e ligadas aos elementos circundantes; o Common faz nitidamente parte das regiões vizinhas, apesar da confusão existente nos seus caminhos interiores. Bunker Hill, em Los Angeles, é um exemplo muito interessante de um bairro de carácter forte e com associações históricas, numa estrutura topográfica muito nítida, situado ainda mais perto do coração da cidade do que Beacon Hill. Contudo, a cidade gira em torno deste elemento, enterra os seus limites topográficos em edifícios de escritórios, corta as ligações das suas vias e efectivamente leva à fraqueza, ou até ao desaparecimento deste da imagem urbana. Aqui está uma oportunidade gritante de uma modificação na paisagem urbana.

Alguns bairros encontram-se sós, únicos em toda uma zona. As regiões de Jersey City e de Los Angeles são, de modo geral, todas desta espécie; o sul de Boston é também disto um exemplo. Outros podem encontrar-se ligados, tais como Little Tokyo e o Civic Center em Los

V. Apêndice C

Fig. 27



Angeles, ou a parte norte e a Back Bay, o Common, Beacon Hill, o bairro comercial do centro da cidade, o bairro financeiro, o do mercado, as regiões estão suficientemente bem ligadas e perto umas das outras para formar um mosaico contínuo de bairros distintos. Onde quer que nos movamos dentro destes limites, encontramos numa área reconhecível. O contraste e a proximidade de cada área contribui para realçar a força temática de cada uma delas. A qualidade de Beacon Hill, por exemplo, é realçada pela sua proximidade de Scollay Square, e da zona comercial do centro da cidade.

controles usados na procura de objectivos inerentes dos con-
Seria, provavelmente, mais difícil conseguir uma com-
preensão do problema e desenvolver o *design* necessa-
riamente hábil, do que obter os poderes necessários, sen-
do o objectivo claro. Há muito a fazer, antes de atingir-
mos os controles altamente abrangentes e de estes serem
justificáveis.

O objectivo final de tal plano não é a forma em si,
mas a qualidade de uma imagem mental. Assim, torna-se
igualmente útil o treino do observador, ensinando-o a
olhar para a sua cidade, a observar as suas formas múlti-
plas e como elas se misturam. Poderíamos levar os cidad-
ãos para as ruas, os alunos seriam mantidos nas escolas
e universidades, a cidade poderia ser um museu animado
das nossas sociedades e das suas esperanças. Tal educa-
ção pode ser usada, não só com o fim de desenvolver a
imagem da cidade mas também para a reorientar, depois
de algumas mudanças perturbadoras. Uma arte do *design*
de uma cidade confiará numa audiência informada e crí-
tica. A educação e a reforma física são partes de um pro-
cesso contínuo.

Aumentar a atenção do observador e enriquecer a
sua experiência é a utilidade que o facto de dar forma a
algo pode oferecer. De certa forma, o próprio processo
de reformar uma cidade para melhorar a sua imaginabili-
dade pode tornar a imagem mais nítida, sem ter tão pou-
co em atenção a forma física resultante, por mais desa-
jeitada que ela possa resultar. É assim que o pintor ama-
dor começa a ver o mundo à sua volta; é assim que o
decorador pouco experiente começa a ter orgulho na sala
que decorou e a julgar os outros. Embora este processo se
possa tornar estéril se não for acompanhado de controlo e
avaliação, mesmo o «embelezamento feio» de uma cida-
de pode por si próprio intensificar a energia e a coesão
cívicas.